

Vidas Alagadas: Um Resgate Histórico e Produtivo das Famílias Sertanejas Atingidas pela Barragem Bico da Pedra

MARCATTI, Bruna A. Universidade Federal de Minas Gerais -UFMG, brunamarcatti@hotmail.com;
MARCATTI, Amanda. UFMG, mandicazoo@yahoo.com.br; LEAL, Olívia D. Faculdade Santo Agostinho;
SOUZA, Vanessa P. A. UFMG; BOTELHO, Fernando, Faculdade Santo Agostinho; FONSECA, Vanessa.
UFMG, COSTA, Raquel. UFMG.

Resumo

O norte de Minas é território de diversidade ambiental e cultural. Sob o pretexto de acabar com a seca no sertão foi implementado na década de 70 pela Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco o Projeto de Irrigação Gorutuba, Nova Porteirinha – MG. A Barragem Bico da Pedra parte do projeto desapropriou 2000 mil famílias do Arraial de São José do Gorutuba. O trabalho realizado junto à Comissão Pastoral da Terra teve objetivo de resgatar as estratégias produtivas e sociais que as famílias do arraial utilizavam para a reprodução de sua sobrevivência. Em maio de 2009 as famílias atingidas participaram de oficina para a construção do “Mapa do Território” e do “Perfil Histórico” do arraial alagado. Constatou que as famílias conviviam com o semi-árido, cultivando nas várzeas do rio Gorutuba e realizavam “mutirões” na época das “águas”. Com a chegada do projeto desestruturou de forma desfavorável o território, a dinâmica de produção e as formas de se relacionar das famílias.

Palavras-chave: Agroecologia, desenvolvimento regional, irrigação.

Contexto

A região norte de Minas Gerais, conhecida como sertão mineiro, que abriga grande diversidade ambiental e cultural. Sua história é marcada pela expansão do colonialismo mercantil-português em que desde início de seu povoamento até os dias atuais vários fatores de ordem conjuntural e estrutural fizeram com que a região contribuísse para o processo de industrialização nacional, gerando transformações na paisagem natural que influenciaram diretamente na cultura e economia dos povos dos gerais.

Ao particularizar estes projetos caracterizados como incentivadores para o estabelecimento do agronegócio no Norte de Minas encontra-se o Projeto de Irrigação Gorutuba (PIG). O projeto Gorutuba fez parte das ações da Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco - CODEVASF para desenvolvimento regional do nordeste. Em setembro, 1972 o governo decretou de utilidade pública e interesse social uma área de 39.700 ha, sendo 10.700 destinados a construção da barragem Bico da Pedra e 29.000 destinados a implantação do Perímetro Irrigado, abrangendo as margens direita e esquerda do Rio Gorutuba, nos municípios de Janáuba e Porteirinha-MG, hoje Nova Porteirinha.

As famílias que participaram deste trabalho residiam em uma comunidade denominada “Arraial de São José do Gorutuba” que foi alagada para a construção da Barragem Bico da Pedra. A Comissão Pastoral da Terra- CPT entidade pertencente a igreja católica que acompanhou politicamente o processo injusto da retirada das famílias afirma que foram expulsas mais de 2000 famílias. Muitas dessas famílias retornaram a Nova Porteirinha- MG quando a CODEVASF iniciou o processo de “colonização” do Perímetro Irrigado. As famílias passaram a plantar banana irrigada, deixando de produzir alimentos que eram plantados nas “várzeas” do rio Gorutuba.

A CPT que acompanha a região em estudo desde do início da implementação dos Projetos de Irrigação junto com as das famílias atingidas pela barragem apresentaram a demanda ao grupo de agroecologia NASCer- Núcleo de Agricultura Sustentável do Cerrado de se investigar as

Resumos do VI CBA e II CLAA

relações sociais e produtivas que existiam no “Arraial de São Jose do Gorutuba” que foi alagado durante a construção da barragem Bico da Pedra construída no ano de 1977, no município de Nova Porteirinha-MG.

No entanto o objetivo deste trabalho foi resgatar as estratégias produtivas e sociais que as famílias no arraial de “São José do Gorutuba” utilizava para a reprodução de sua sobrevivência.

Descrição da Experiência

A primeira parte do trabalho junto às famílias foi realizada entre os dias 18 a 21 de abril de 2009, em que para se aproximar das famílias foi necessário participar das missas e visitas familiares para que os laços de confiança se estreitassem. A pesquisa contou com o auxílio de uma pessoa atingida ela barragem Bico da Pedra e também agente de pastoral - CPT, que acompanhou o trabalho contribuído para a elaboração das formas de trabalho.

A segunda parte foi realizada durante os dias 01 a 05 de maio. Em que as famílias foram convidadas para uma “Oficina de investigação coletiva” em que foi possível remontar a história de ocupação do arraial de São José do Gorutuba, buscando na memória coletiva os acontecimentos culturais, econômicos e sociais que constituíram a formação do povo sertanejo daquele território.

Neste segundo momento estiveram presentes famílias das colonizações Caraíbas, Banavit e Ceará. As técnicas aplicadas durante a oficina possuíam especificidades, porém quando entrelaçadas possibilitaram alcançar respostas e análises que atenderam ao objetivo proposto.

A realização do “Perfil Histórico” teve como fonte de inspiração uma metodologia muito utilizada pelos movimentos sociais: a Educação Popular. Uma forma diferenciada, pois está relacionada a processos emancipatórios e autogestionários, junto a populações excluídas em que a participação dos movimentos sociais é importante pelo seu caráter político e de tomada de consciência. O mais importante neste momento foi à participação efetiva da comunidade desde escolha e organização do espaço em que ocorreu a “oficina de investigação coletiva” até na ajuda com as dinâmicas de grupo.

A abordagem Geográfica foi realizada por meio do desenho livre do “Mapa Territorial”. Esse mapa contribui para a localização das fontes de água, das comunidades do arraial em que foi possível sob o ponto de vista econômico, cultural e ambiental dimensionar a forma de produzir das unidades familiares e de como as mesmas se relacionavam em função da religião e de agricultura.

No entanto para este trabalho ser plenamente realizado suprimindo as demandas apresentadas pela CPT e pelas famílias seria imprescindível a existência de um olhar interdisciplinar “holístico” bem como um tempo mais longo. Portanto diante das limitações encontradas, o que é proposto neste trabalho é apenas um ensaio como “ponto de partida” para um processo exploratório de maior profundidade diante da realidade expressa na região e que não encerra em si mesmo. Há a necessidade de continuidade e que dê resposta aos problemas apresentados pelas famílias. A próxima etapa deste trabalho ocorrerá nos dias 23 de agosto em que serão apresentados todos os resultados obtidos até a data e que será realizado o planejamento junto às comunidades das próximas ações entre a tríade famílias, CPT e NASCer.

Resultados

A origem do “arraial de São José do Gorutuba” remonta aproximadamente entre os séculos XVIII e XIX, sendo a lembrança da Igreja de São José do Gorutuba um marco espacial e temporal para

Resumos do VI CBA e II CLAA

estas famílias. A existência da igreja próxima às comunidades garantia através dos festejos a unidade e interação das famílias das dezenove comunidades.

Durante o desenvolvimento da técnica ao indagá-los sobre os principais acontecimentos históricos que marcaram a relação sócio-cultural e econômico do Arraial de São José do Gorutuba, eles destacaram como fato marcante para as famílias o processo de desapropriação ocorrido na década de 70. Em que muitos agricultores tiveram de deixar suas raízes no território de origem, Arraial de São José, que fora alagado para beneficiar uma pequena parcela de empresários produtores de banana irrigada.

A estrutura agrária no arraial era bastante parcelada, resultando em grande número de pequenas propriedades que variavam em média de 5 alqueires. Em que o acesso a terra era mediado pelas relações de parentesco. Seja repartindo a terra entre os filhos, seja casando-se com quem possuía terra, ou mesmo trabalhando a meia com parentes. Está era uma estratégia que garantia a cooperação entre as famílias.

As relações de parentesco de compadrio estabelecidas entre as famílias do arraial tinham como ponto de convergência a relação com a terra, que é entendido como estratégia de reprodução social com base no território, que abriga as relações sócio-econômicas, culturais, políticas que estruturam um espaço compartilhado e construído coletivamente. E desta forma as comunidades do arraial expressavam o um modo de ser e de viver que refletia sobre a identidade vinculada com a forma de trabalho e a relação que a mesma tem com o ambiente. As famílias desta pesquisa se identificavam enquanto camponeses, lavradores, vazanteiros ou agricultores familiares.

O “Mapa do território” demonstra de forma clara como se dava a organização das propriedades em torno das estratégias de produção ditada pelo fluxo dos rios e do regime pluviométrico.

Como o Rio Gorutuba perpassava por 19 comunidades cada unidade familiar possuía uma pequena faixa de terra nas baixadas próximas ao rio, utilizada para o plantio de vazante. Da mesma forma que o fundo das propriedades era destinado a pastagem dos animais e seguindo em direção a Serra as atividades era de caça.

O conhecimento do ambiente associado às práticas, e o saber tradicional é recurso por excelência para a construção e reprodução de estratégias em condições adversas. Os sertanejos do Gorutuba identificam na paisagem unidades e subunidades. Subindo o relevo, a partir da Vazante uma linha sutil vai até os capões demarcando a divisão onde se cultiva o arroz, a cana, o milho, a mandioca. Mas, não apenas o relevo, a maior ou menor umidade ou a vegetação, também os tipos de solos em cada unidade e subunidade, numa mesclagem de técnica e elementos simbólicos.

Quanto ao gado, o rebanho solto se deslocava em busca de forragem e aguadas em longas distâncias. As Vazantes umedecidas pelas cheias dos rios Gorutuba ofertavam, nas secas, espécies pioneiras de surgimento espontâneo que serviam de forragem para o rebanho. Nos períodos de chuva, o rebanho se deslocava para os estratos mais elevados da paisagem, busca da brotação de forrageiras arbóreas. Junto com o movimento do ciclo das estações e seus reflexos na paisagem, o rebanho de bovinos, porcos e caprinos se movia. Processo este que gerava longas rotas de pastoreio.

A aridez, vista como uma adversidade climática pela agronomia convencional, pelos programas públicos de combate à seca, tem outro sentido para os sertanejos do Gorutuba. Os ciclos de

Resumos do VI CBA e II CLAA

chuva e de seca, o regime das águas, guiam o cultivo de espécies agrícolas, o manejo dos animais nas áreas de pastagens cultivadas e nas áreas de solta, seja nas vazantes ou na serra, cada um ao seu tempo. Os ciclos de chuva e seca guiavam também a caça, a coleta e, principalmente, a pesca, elemento chave dos tempos de fartura. As unidades de paisagem apresentadas acima denotam uma utilidade que vai além da terra em si, do seu potencial agropecuário, abrangendo todo o potencial ecossistêmico que é explorado, entre estes, o da flora e da fauna nativas.

Embora o fenômeno das secas fosse um marco nos anos anteriores, as famílias afirmaram que a dinâmica de convivência com o semi-árido já havia sido estabelecida e que esta havia sido repassada ao longo das gerações. A reflexão dessas famílias atualmente que o acesso a água é restrito. Como pode ser ilustrado pela fala do antigo morador da comunidade Jatobá, que vivia numa propriedade de 4 alqueires:

A pesquisa de campo proporcionou a equipe de estudantes do grupo Nascer o conhecimento da realidade dos projetos de irrigação que são realizados sob o discurso de um desenvolvimento integrado junto aos agricultores . Sendo uma grande falácia por parte do Estado estes projetos, que privilegiam e fortalecem ao agronegócio em detrimento da agricultura familiar na região que semeava solidariedade entre as famílias, à interação de forma equilibrada com o meio em que viviam e uma agricultura baseada no tempo e espaço determinados a partir das bases agroecológicas.